

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

15206 - Resumo Expandido - Trabalho - 5ª Reunião Científica Regional da ANPEd Norte (2024)

ISSN: 2595-7945

GT 07/GT 13/GT 19 – Educação Infantil, Ensino Fundamental e Educação Matemática

O PROCESSO DE INCLUSÃO PERANTE SITUAÇÕES DE VIOLÊNCIA NO CONTEXTO ESCOLAR

Angelica de Almeida Pereira - UFRR-PPGE - Universidade Federal de Roraima

Flávio Corsini Lirio - UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA

O PROCESSO DE INCLUSÃO PERANTE SITUAÇÕES DE VIOLÊNCIA NO CONTEXTO ESCOLAR

Resumo: As situações de violência têm marcado o contexto escolar, ao mesmo tempo em que ações de acolhimento se destacam dentre os processos de inclusão de crianças e adolescentes que sofrem violência na escola. A pesquisa objetivou compreender o processo de inclusão a partir da identificação de situações de violência vivenciadas por crianças e adolescentes no contexto escolar. Desse modo, apresenta a discussão de inclusão com viés amplo, não ficando restrito às pessoas com deficiência. Em relação ao processo metodológico de investigação, trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativa, a qual utilizou a técnica de grupo focal com alunos do Ensino Fundamental de Anos Finais em Boa Vista/RR, para reunir os dados, a partir da fala dos alunos. A análise desse material foi realizada por meio da análise de conteúdo, que reúne as fases de leitura flutuante, definição das categorias de análise e constituição das inferências. Dentre os resultados, evidencia-se a promoção da inclusão dos sujeitos que sofrem violência, na visão dos alunos, como uma questão coletiva que envolve toda a comunidade escolar. A prevenção é um recurso na luta contra situações de assédio, discriminação, machismo, bullying, ao promover ações de acolhimento e de fortalecimento de vínculos entre os pares.

Palavras-chave: Escola, Educação, Violência, Inclusão.

INTRODUÇÃO

Na perspectiva da educação geradora de mudança de Freire (2011), a pesquisa contribui para nortear as práticas educativas dos profissionais de educação no ambiente escolar, a partir das atuações de prevenção e inclusão de alunos que foram afetados de alguma forma com a violência, com o objetivo de promover melhor qualidade de vida no contexto escolar. Essa perspectiva de olhar e acolhimento promovida por meio da escola é corroborada nos estudos de Foucault (1975), ao considerar o equipamento escolar como o lugar legitimado socialmente, onde se produzem e reproduzem as relações de saber e poder.

O aumento da violência praticada contra crianças e adolescentes e sua repercussão no ambiente escolar têm se tornado uma preocupação e um desafio a ser refletido e enfrentado. Isso contrasta com o estabelecido na Constituição de 1988 e com a regulamentação do Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), que reconheceu crianças e adolescentes como sujeitos de direitos que contribuem para o processo de conscientização para o comprometimento da cultura da paz (Alberston, 2005).

Nesse cenário, a escola é considerada uma entidade da rede de proteção às crianças e aos adolescentes, vítimas de situações de violência, essencial para auxiliar a inserção e o

acesso inclusivo, com a finalidade de prevenir, interromper e/ou minimizar os efeitos do tempo e das etapas perdidas no período de ocorrência das violências (Alberton, 2005).

Para o entendimento das situações de violência, fundamenta-se a partir de Chauí (2003), que considera o conceito de violência segundo a ideia de força, da propagação de um ato de brutalidade, sevícia e abuso físico e/ou psíquico contra alguém. E, ainda, caracteriza-se em função de relações intersubjetivas e sociais definidas pela opressão, intimidação, pelo medo e pelo terror, enfatizando que a violência é uma prática que se opõe à ética, porque trata seres racionais e sensíveis, dotados de liberdade, como se fossem coisas, irracionais, insensíveis, mudos, inertes ou passivos.

Evidencia-se nesse contexto que a escola é considerada como responsável pela formação da dimensão humana e das relações estabelecidas e de que esse compromisso não se restringe ao contexto escolar. São reveladas situações de interações com a sociedade, mesmo que nem todos da comunidade escolar estejam devidamente preparados para tal tarefa, o apelo social para essa função é algo que marca a contemporaneidade ao considerar a escola uma organização enquanto espaço de direito à vida democrática e ao exercício da cidadania (Archangelo, 2018).

De acordo com Veiga Neto (2008), o processo de inclusão contribui para o enfrentamento das situações de violência no ambiente escolar. Por essa razão, que o objeto de pesquisa se justifica e tem sua vinculação no âmbito da sociedade e da educação escolar. O estudo em tela aponta que os processos inclusivos transcendem os espaços físicos estruturais para acolher o aluno, assim como assinalam que é necessária uma análise do mundo social, por meio das políticas que se articulam em função dos fenômenos sociais, econômicos, culturais e políticos.

Nesse contexto, a pesquisa partiu do objetivo de compreender o processo de inclusão perante situações de violência vivenciadas por crianças e adolescentes no contexto escolar. De modo que, as falas dos alunos sinalizaram as violências vivenciadas no ambiente escolar, ao mesmo tempo em que a inclusão é percebida como resposta fundamental para o seu enfrentamento.

METODOLOGIA

A pesquisa qualitativa descrita por Minayo (2012) é considerada o tipo mais adequado para fins do estudo proposto. Esse tipo de pesquisa permite descrever fenômenos como a violência e o processo de inclusão, sobretudo, quando se busca por meio da pesquisa evidências e possibilidades de modificação de determinada realidade.

Quanto ao contexto e à população estudada, os participantes da pesquisa foram alunos do Ensino Fundamental Anos Finais, de uma escola pública de Boa Vista-Roraima, grupo formado por meninos e meninas, partindo da realização da técnica do grupo focal, captação dos dados em entrevista coletiva seguindo roteiro semiestruturado, 12 membros, levando em consideração a fluidez da entrevista, participação equânime, ressaltando o lugar de fala desses sujeitos em relação à problemática da violência no ambiente escolar e às medidas de inclusão evidenciadas nesse contexto. As características de um grupo focal que tem como base a identificação/vinculação entre os membros entrevistados.

A utilização da análise de conteúdo seguiu os passos indicados por Bardin (2016), a

leitura flutuante, a definição das categorias e a constituição das inferências. Assim, para as análises foram apontadas as categorias Violência e Inclusão, com fundamento na vivência dos alunos no ambiente escolar.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

O estudo de caso em tela apresenta uma realidade educacional pública, com sujeitos que enfrentam situações de violência e se conectam por meio da análise de ações inclusivas, que se revelam ao longo do texto e tornam a apresentação desses achados uma grata surpresa, em especial, pelas evidências reveladas com base na aplicação do grupo focal realizado com os alunos (meninos e meninas) dos anos finais do Ensino Fundamental.

O estudo do fenômeno da violência não se resume a uma ação individual de uma pessoa contra a outra, mas de uma ação determinada pela própria estrutura histórica e social das relações estabelecidas (sujeito dominador e sujeito dominado), perspectiva de análise baseada nas ideias de Chauí (2003). Tal como apresenta a fala do aluno no grupo focal “Eu acho que o conceito básico da violência é quando é invasão do espaço pessoal da pessoa sem autorização dela. Isso assim de um modo geral. Pode ser de forma psicológica, pode ser física, etc. A invasão do espaço pessoal daquela pessoa, sem autorização dela (A1)”.

Essa questão se articula ao pensamento de Veiga Neto (2008), ao propor as relações entre si, baseiam-se no que acontece nas relações sociais com o mundo, ou os diversos contextos, o que amplia a ideia de violência e suas formas de ocorrência, assim como os processos inclusivos, como apresenta no discurso o aluno (A3): “[...] eu já percebo que os professores tentam sempre incluir. Por exemplo na prática de Educação Física mesmo com a professora P1, a professora P2 ou com o professor P3, eles sempre tentavam incluir os alunos. Claro que algumas vezes podem faltar algumas coisas [...]. Mas sim eu vejo que tem sim essa inclusão com esses alunos, bastante, e às vezes é boa também”, do mesmo modo que no projeto arquitetônico, lembrando das rampas de acesso, revelando que as percepções dos participantes sobre a temática inicial partem da experiência e da convivência.

Os autores Veiga Neto (2008) e Archangelo (2018) enfatizam que a qualidade das relações proporciona um ambiente de respeito à diversidade e às diferenças. Esses elementos surgem na fala dos alunos, ao considerarem que a violência e a inclusão ocorrem no ambiente escolar a partir dos processos de socialização. Isso implica em considerar que as relações estabelecidas entre os sujeitos vão além do currículo constituído para a aprendizagem, ou do espaço físico que concebe essas relações.

Sobre a existência das políticas de inclusão na escola onde os sujeitos estudam e quais as práticas eles consideram como sendo inclusivas, os discursos trouxeram um olhar para a ideia de uma proposta de inclusão utilizada na escola, mas que não é encontrada nos documentos que regem as práticas pedagógicas e de seu funcionamento. Os alunos apontaram entre os espaços e sujeitos que promovem a inclusão no ambiente escolar as aulas de Educação Física, representadas pelos professores, as atividades realizadas na sala multifuncional e o atendimento na sala de psicologia, por meio da indicação de uma escuta qualificada dos alunos.

Os resultados sinalizam que os discursos dos sujeitos escolares sobre as falas de suas experiências e ações relacionadas a práticas inclusivas, não estão aprisionadas à ideia de inclusão das pessoas com deficiência, ainda que o acolhimento a esses alunos apareça

demarcado no registro das falas dos entrevistados. O destaque à sala de Orientação Psicológica Educacional inclui um capítulo especial de nossa história, que foi o período pandêmico que levou ao ensino remoto. De modo que a conversa e o auxílio às dúvidas foram fundamentais para sentirem a presença da instituição na vida dos alunos e percebidos como um elemento de promoção da inclusão.

Freire (2011) apresenta que não há reflexão e atuação sem que a sociedade se aproxime da realidade verdadeira e concreta, de tal modo quanto à necessidade da comunidade escolar com o seu compromisso de levar o conhecimento mais próximo da realidade do aluno em seu processo de ensino e aprendizagem para uma mudança da repercussão da violência junto aos processos de inclusão.

A pesquisa revelou que todos os sujeitos do contexto escolar são parte fundamentais no enfrentamento da problemática da violência, entre os sujeitos importantes: psicóloga, coordenador (a), orientador (a), professores, outros alunos, profissionais da educação se permitem ser o ponto de acolhimento, estão relacionados a uma certa segurança e confiança em compartilhar as situações de conflitos e a ocorrência da violência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os sujeitos da pesquisa apontam que a violência no contexto escolar existe sim. No entanto, não surge na escola, ou não se limita ao que ocorre na escola. Por essa razão é necessário compreender os tipos de violência existentes fora da escola, e os reflexos que eles ocasionam no ambiente escolar. Do mesmo modo se constatou que a inclusão assume um sentido amplo de garantia da cidadania e de repercussão geral, não ficando restrita a uma determinada problemática ou a determinado conjunto de sujeitos.

A mediação pode funcionar como uma estratégia inclusiva e integradora dos alunos no espaço escolar, as relações dentro da escola como ênfase na paz e na cooperação quanto aos valores e às práticas presentes na interação social, e a valorização de interações sociais construtivas, respeitando a diversidade, e pela colaboração entre as pessoas contribui para a transformação do contexto escolar no enfrentamento da violência e promovendo a inclusão acompanhada dos vários processos educativos, como o da participação e estímulo ao diálogo.

No entanto, é necessário mobilização por meio de diálogos e reflexão conjunta, muito além de discursos pré-fabricados que versam sobre a necessidade de aprimoramento das virtudes, como palestras, aulas em prol do trabalho construtivo e cooperativo, e que não garantem a mobilização. Todos são partes essenciais, professores, alunos, coordenação, orientação educacional, direção, funcionários, atuação das lideranças de turmas e a família, juntos na formação do sujeito para o enfrentamento à violência e à promoção de processos inclusivos, dentro e fora do ambiente escolar. E os próprios alunos que se destacam no acolhimento e na autoproteção.

REFERÊNCIAS

ALBERTON, Mariza Silveira. **Violência da infância**: crimes abomináveis: humilham, machucam, torturam e matam. Porto Alegre: AGE, 2005.

ARCHANGELO, Rosemeire Marques Ribeiro. **Um olhar nas relações de convivência na escola: conflitos, violências, mediação e enfrentamentos**. 2018. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro, 2018.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 3. ed. São Paulo: Edições 70, 2016.

CHAUI, Marilena. Reflexões Sobre Violência-Ética, Política e Violência. *In*: CAMACHO, Thimoteo. **Ensaio sobre a violência**. Vitória: Edupes, 2003. p. 39 - 59.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 34. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1975.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, [S. l.], v. 17, n. 3, p. 621-626, 2012.

VEIGA NETO, Alfredo José. Neoliberalismo, Império e Políticas de Inclusão – problematizações iniciais. *In*: RECHICO, Cinara Franco; FORTES, Vanessa Gadelha (orgs.). **A educação e a inclusão na contemporaneidade**. Boa Vista: Editora UFRR, 2008. p. 11-28.